

GUSTAVO PIRES

**HISTÓRIA DA LUVE: O ÓRGÃO
ESPORTIVO QUE REPRESENTA A
UFV DESDE 1962**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2018

GUSTAVO PIRES

HISTÓRIA DA LUVE: O ÓRGÃO ESPORTIVO QUE REPRESENTA A UFV DESDE 1962

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Ricardo Duarte Gomes da Silva

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2018



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto experimental intitulado *História da LUVE: o órgão esportivo que representa a UFV desde 1962*, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Ricardo Duarte Gomes da Silva

Orientador do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Joaquim Sucena Lannes

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. M.e Victor Lana

Curso de Educação Física da UFV

Viçosa, 04 de dezembro de 2018

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução | 08 |
| CAPÍTULO 1 – JUSTIFICATIVA E REFERENCIAIS | 09 |
| 1.1 Conceito de Livro-Reportagem | 14 |
| CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA | 17 |
| CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO | 21 |
| 3.1 Pré-produção | 21 |
| 3.2 Produção | 21 |
| 3.3 Pós-produção | 23 |
| 3.4 Cronograma e orçamento | 24 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 26 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 28 |
| ANEXO | 30 |

Resumo

O livro-reportagem *História da LUVE: o órgão esportivo que representa a UFV desde 1962* é um projeto experimental produzido como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). O livro apresenta a história da Associação Atlética Acadêmica LUVE por meio dos depoimentos daqueles que fizeram parte e/ou a apoiaram, de alguma forma. O objetivo é contar alguns aspectos envolvidos nos 56 anos da Associação utilizando o método de História Oral na perspectiva de José Carlos Sebe Bom Meihy e Verena Alberti. A partir da memória e vivências individuais dos envolvidos, utilizando como apoio documentos, jornais, fotos e demais objetos que comprovem e completem os depoimentos, objetiva-se contar a história resgatando memórias e registrando momentos esportivos vivenciados pelos universitários que participaram da LUVE. Para isso, utilizamos o formato de livro-reportagem, com embasamento teórico de autores como Eduardo Belo e Edvaldo Pereira Lima. São 16 capítulos, onde se aborda desde o contexto esportivo para sua criação até os dias atuais. Procedimentos metodológicos como pesquisa histórica, levantamento de fontes, entrevistas, produção de texto, diagramação e revisão foram adotados ao longo do trabalho.

Palavras-chave: livro-reportagem; LUVE; história

Abstract

The book-report *História da LUVE: o órgão esportivo que representa a UFV desde 1962* is an experimental project produced as a class conclusion to obtain the title of Bachelor in Social Communication - Journalism by the Federal University of Viçosa (UFV). The book presents the history of Athletic Academic Association LUVE through statements from the ones that took parte and/or supported it in some way. The aim is to say some aspects involved in the 56 years of the Association using oral method in the perspective of José Carlos Sebe Bom Meihy e Verena Alberti. From memories and individual experiences using documents, newspapers, photos and objects as support that prove and complete the statements, focused to tell history rescuing memories and recording sports moments lived by the students that joined LUVE. For that we used a book-report format based in authors like Eduardo Belo e Edvaldo Pereira Lima..There are 16 chapters in which approaches since the sports context first creation until the present days. Methodolohical procedures like history research, mapping sources, interviews, text production, layout and reviews were used in the course of work.

Keywords: book-report; LUVE; history

Agradecimentos

Agradeço à base familiar que tive durante toda minha vida, sem dúvidas foram fundamentais para que eu conseguisse chegar até aqui e pudesse ter condições de escrever este trabalho. Em especial, meu agradecimento para minha mãe, Lara, que foi tudo e mais um pouco para mim. Me espelho diariamente para tentar ser a pessoa e a profissional que ela é. E ao meu pai, Denis, que me deixou no meio desta caminhada, saiba que essa conquista é nossa e que continuamos na parceria e amor de sempre, um pelo outro.

Me sinto na obrigação de agradecer quem abriu as portas da LUVE para mim, que anos depois se tornou objeto deste estudo: André Pergolizzi, que me levou até a sede quando comentei sobre a possibilidade de entrar na diretoria, Victor Lana e Marcos Paulo, a dupla que me “contratou” ao melhor estilo LUVE e que depois se tornaram grandes amigos. Aos bandidos, muito obrigado pelas conversas, risadas e resenhas, elenco de ouro da associação! Outras pessoas que me ensinaram muito durante minha permanência: Thainá e Mirelle, minhas eternas companheiras de presidência, Iara, Manso, Yuri, Hugo, Pablo, Fernando e o elenco do futsal masculino.

Por falar em elenco, como não agradecer meus companheiros da AAAH e Impressionados? É pela resenha de vocês que o esporte é tão apaixonante! Aos diretores da Atlético das Humanas, principalmente meus amigos fundadores: Yaghor, Brenda e Daniel, além dos diretores/amigos, como Karina, Carol e Márcio, meu muito obrigado por fortalecerem a base desse filho coruja e por me ensinarem tanta coisa.

Aos demais amigos que fizeram parte desta caminhada: Danilo, Denilson, Francisco e Guilherme, amigos de infância e da vida. Ao grupo mais ativo e sincero dos amigos do GC, meu muito obrigado. Agradeço à Fernanda e Mayra pela ajuda nesta reta final, aos amigos da eterna COM13, ao grupo raiz do Jornalismo, em especial ao Diogo pela ajuda na diagramação, e à coordenação.

Por fim, não poderia deixar de citar nominalmente alguns dos entrevistados que se destacaram pela proatividade e colaboração ao longo do trabalho, tenham certeza que sem essas ajudas eu não conseguiria entregar este

livro pronto: Carlos Machado, Everton Vitorino, Flávio Gomes, Hudson Rodrigues, José Alberto Pinto, Pick, Roberta Lauton e Ronaldo Pedrosa. E outros que além de ajudarem, ainda mostraram um amor, cuidado e atenção para com a LUVE que me inspiraram a seguir em frente e fazer meu melhor: Denélisio Nobre, Francisco Junger, Helvécio Saturnino, José Muanis, Júlio Resende, Júlio Silva, Kellyson Salgado, Próspero Paoli e Wanir Lacerda. Em especial, agradeço ao Adalberto Rigueiras e Cláudio Reche pelos presentes dados após as entrevistas, guardarei com muito apreço. Estes gestos significaram muito para mim. Eduardo Santos e Gustavo Sabioni, obrigado por todo material e tempo disponibilizados para enriquecer meu trabalho.

A todos os outros que apoiaram, torceram e/ou ajudaram de alguma forma ao longo da minha trajetória na universidade, meu muito obrigado. Falta espaço para citar todos, mas sobram carinho e gratidão.

Introdução

Durante a maior parte da minha vida a proximidade com o esporte foi grande. Praticante desde os quatro anos de idade, iniciando com judô e logo depois partindo para o futsal, esta vivência foi crescente ao longo do tempo, com práticas na escola, treinamentos e brincadeiras com amigos. O interesse pelo esporte ocorria também no dia-a-dia, assistindo jogos, análises, canais de comunicação esportivos e *sites* especializados. Tive, inclusive, um *blog* durante minha adolescência em que pude dar os primeiros passos na análise, escrita e construção de textos ligados ao tema esportivo. Este grande interesse me fez escolher o Jornalismo como caminho para seguir durante minha graduação no ensino superior.

Dentro da Universidade Federal de Viçosa (UFV) tive meu primeiro contato com a A.A.A. LUVE em 2014, por meio do programa esportivo Na Área, projeto vinculado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da universidade, que fiz parte desde meu primeiro ano em Viçosa. Entrevistamos membros da Associação e conheci a presidência da época. Em 2015 entrei para a diretoria e ali fiquei até me formar, sendo atleta, diretor e vice-presidente ao longo de minha trajetória.

Este trabalho pretende contar a história da LUVE, que se perdeu com o passar do tempo devido às diversas trocas de sede, danos permanentes aos documentos e fotos, perda de troféus e de arquivos. Na primeira parte deste Memorial iremos mostrar a importância do conteúdo abordado para formação na área da Comunicação Social – Jornalismo, bem como resumir brevemente a trajetória da LUVE ao longo de seus 56 anos, as mudanças e novidades esportivas que os contextos políticos trouxeram e como estudiosos da área enxergam o esporte e o esporte universitário.

Posteriormente iremos trazer a abordagem teórica sobre livro-reportagem e jornalismo literário, seguido da metodologia utilizada ao longo do trabalho, entre elas o uso da história oral e a construção do roteiro usado durante as entrevistas. Abordamos, ainda, o papel das mulheres no esporte e, especificamente, na LUVE e como a Associação foi fundamental na vida dos envolvidos.

Por fim, abordaremos o processo de execução do TCC, mostrando a pré-produção, produção e pós-produção, finalizando com o custo para realizar o trabalho, cronograma e a lista de fontes.

1. JUSTIFICATIVA E REFERENCIAIS

A Associação Atlética Acadêmica LUVE, denominada apenas Liga Universitária Viçosense de Esportes até o final da década de 1980, é o órgão que representa a UFV em competições oficiais ligadas à Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU). Foi criada em 05 de abril de 1962 por um grupo de alunos da então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG).

Nestes 56 anos de história muitas ações foram realizadas pela LUVE, que literalmente acompanhou o crescimento e evolução da universidade. Quando criada, existiam três cursos na UREMG, que tinha um único *campus*, em Viçosa: Agronomia, Ciências Domésticas (posteriormente renomeada Economia Doméstica e substituída por Serviço Social em 2017) e Engenharia Florestal. Hoje, são 67 cursos¹ nos três *campi* que existem: além de Viçosa, Rio Paranaíba e Florestal possuem *campus* da UFV.

Alguns prédios tradicionais, como o Centro de Vivência, ginásio poliesportivo, Pavilhão de Aulas A e B não existiam quando a LUVE foi fundada. No local em que hoje se encontra o Centro de Vivência, inclusive, era um campo de futebol muito utilizado pela LUVE e comunidade acadêmica em geral. Nem UFV existia - só com a federalização, em 1969, a UREMG mudou para o nome atual: Universidade Federal de Viçosa -, mas a Liga já estava presente na universidade.

Ao longo do tempo a LUVE disputou jogos em todo estado. Depois, passou por toda a região Sudeste. Conseguiu alcançar todas as regiões do país e, por fim, até partidas no exterior jogou. Chegou a outro continente representando, também, a UFV, espalhando seu nome pelo mundo.

¹ C.f.: <https://www.ufv.br/ensino-2/graduacao/>

Com tantos acontecimentos positivos, mas também alguns negativos, como sua inatividade em 1980 e 1981 por questões administrativas e burocráticas, alguns anos sem nenhuma competição oficial em seu calendário e períodos com problemas de representatividade com as instâncias superiores, desenha-se o cenário ideal para contar estas e outras histórias e acontecimentos tão relevantes para o esporte universitário em um livro-reportagem.

Como já falado anteriormente na introdução, este trabalho visa recuperar a história da Associação. A falta de registro foi notada durante o período de pesquisas e apuração. Porém, não serão utilizados apenas dados, documentos, fotos e objetos que comprovem os fatos. A ideia é mostrar o lado sentimental que a LUVE trouxe, pois o que se notou ao longo do trabalho é que praticamente todos os entrevistados que se envolveram com a Liga se lembram até hoje com sentimentos como orgulho, saudade e amor. Isto, atrelado a forma como os personagens se recordam das histórias e as contam, vão ser valorizados por meio da história oral, metodologia que valoriza as lembranças dos envolvidos nos eventos aqui estudados.

Outras relações que estão presentes no livro são: convivência com a ditadura militar durante uma parte de sua história e no que isso afetou, caso tenha afetado, a LUVE; papel da mulher no esporte universitário; relação esportiva com outras universidades; importância da Liga para seus ex-membros e o envolvimento institucional com a UFV, existindo até hoje como um dos órgãos estudantis mais antigos ainda em atividade na universidade.

Como citado acima, a LUVE já existia durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Este momento político do país influenciou, também, o esporte universitário.

Ao se pensar nas universidades brasileiras, a prática esportiva por vezes esteve presente com maior ou menor protagonismo, sendo forma e conteúdo de inúmeras relações sociais. No entanto, durante o período em que os militares governaram o Brasil (1964-1985), o esporte passou por um processo de resignificação em todos os ambientes de ensino e não seria diferente com as universidades. Neste caso específico, a edição do Decreto de Lei nº 705/69, passou a regulamentar fortemente sua prática nas Instituições de Ensino Superior (IES), definindo diretrizes e objetivos para a intervenção. (GONÇALVES, 2017, p. 2)

Este decreto-lei alterou a redação de um artigo da lei nº 4024, de 20 de dezembro de 1961. O artigo em questão, o 22, passou a vigorar com a seguinte escrita: "Será obrigatória a prática da educação física em todos os níveis e ramos de escolarização, com predominância esportiva no ensino superior"². Esta mudança, feita pelo Presidente Artur da Costa e Silva foi, inclusive, utilizando da atribuição conferida a ele via Ato-Institucional nº 5 (AI-5³), o mais famoso da ditadura por ser símbolo do pior período de repressão aos que se opunham aos militares.

Esta mudança nada mais significou do que as universidades passarem “obrigatoriamente, a estimular e oferecer atividades de Educação Física e Desportos mantendo orientação adequada e instalações preparadas, com especial atenção para a aptidão física dos acadêmicos e a inserção dos mesmos na prática esportiva.” (GONÇALVES, 2017, p. 2).

Foi durante este período que a LUCE cresceu e se desenvolveu, contando com a ajuda dos professores de Educação Física que, inicialmente, auxiliavam nestas atividades obrigatórias da universidade, mas que, posteriormente, já como membros do Departamento de Educação Física (DES) da UFV, também foram fundamentais para o bom desenvolvimento da associação. A inserção de acadêmicos deste curso a partir de sua criação, em 1975, também deu um maior grau de conhecimento técnico e teórico à diretoria da LUCE, que passou a ser composta majoritariamente por acadêmicos da Educação Física, mas sem perder seu caráter plural em aceitar qualquer estudante de graduação ou pós-graduação da universidade, independente do curso, algo que permanece até hoje.

Com o término da ditadura no país, “as discussões sobre o papel da obrigatoriedade do esporte, no âmbito universitário, se intensificaram e, com a Lei nº 9.394/96 (LDBEN), a obrigatoriedade foi retirada, ficando a cargo das instituições o oferecimento ou não das atividades”. (GONÇALVES, 2017, p. 3). Esta lei, que foi a segunda reformulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), foi novamente um marco no esporte universitário, pois sem a obrigatoriedade da Educação Física no ensino superior ficava totalmente a cargo

² C.f.: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-705-25-julho-1969-374152-publicacaooriginal-1-pe.html>

³ C.f.: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>

da própria universidade investir ou não no esporte, o que invariavelmente acarretou em uma mudança, geralmente negativa, no nível de aporte financeiro na área esportiva.

A última grande mudança que atingiu diretamente o esporte universitário ocorreu em 2003:

novas inserções e conjunturas marcaram a gestão do esporte brasileiro. Inclusive, esse foi um ano fundamental para o início da mais recente transição do esporte universitário no Brasil. (...) Com o início do mandato do presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, o esporte alcançou status de ministério. Dentro do recém-criado Ministério dos Esportes, por sua vez, foi criada a divisão do Esporte Universitário. A política adotada pelo governo federal foi a de intervir nas instituições, a fim de buscar reorganizar o esporte universitário brasileiro. (STAREPRAVO et al., 2015, p. 141).

Quando o governo decide criar este ministério e implementar uma divisão específica para o esporte universitário, ele acaba focando na CBDU, vinculando-a ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) para “viabilizar uma fonte de recursos e apontar um novo modelo de financiamento do esporte universitário, que vamos chamar aqui de modelo híbrido, já que por essa iniciativa foram, impreterivelmente, aliados os recursos de financiamento público com verbas provenientes da iniciativa privada”. (STAREPRAVO et al., 2015, p. 141-142).

Com estas mudanças todas no cenário nacional e/ou esportivo universitário, a LUVE continua ativa, sempre ligada à Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PCD) e posteriormente à Divisão de Esportes e Lazer (DLZ), que auxiliam a associação em suas atividades e fornecem o capital necessário para as disputas oficiais no âmbito do esporte universitário, sempre representando a UFV.

Ao estudar o esporte como um todo fica mais clara a importância do mesmo na sociedade, pois “trata-se de um patrimônio cultural, um direito social que deve ser acessível a todos nas suas múltiplas possibilidades de expressão”. (FIGUEIREDO; TAFFAREL, 2013). Tratando especificamente do esporte universitário, ele pode ser definido como

uma forma de esporte institucional que oferece atividade física para os membros da universidade/faculdade. Enquanto que a maior parte dos esportes oferecidos são recreativos, existem também esportes competitivos nos quais os estudantes podem

participar através de competições amistosas e competições estaduais (promovidas pelas federações universitárias) e nacionais, promovidas pela CBDU; (BARBANTI, 1994 *apud* HATZIDAKIS, 2005, p. 403).

A A.A.A. LUVE se encaixa nesta categoria de esporte competitivo, inclusive participando de torneios promovidos pela Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU), sendo a Federação Universitária Mineira de Esportes (FUME) filiada a ela e que, por sua vez, possui a LUVE como filiada dentro do âmbito estadual.

O esporte universitário se divide em três categorias, na visão de HATZIDAKIS (2005):

O primeiro seria o “Esporte Universitário de Rendimento”, que é praticado por alunos selecionados dentro de cada Instituição de Ensino Superior (IES). O objetivo aqui é participar de competições oficiais das Federações Universitárias Estaduais e pela CBDU, ou seja, são selecionados os melhores de cada universidade para representá-la. Dentro da UFV, a LUVE cumpre esse papel;

Já o segundo seria o “Esporte Universitário de Participação”, aberto para qualquer aluno, de modo voluntário, sem qualquer tipo de seleção, e visa integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção de saúde e da educação.

E por último o “Esporte Universitário Educacional”, praticado nas IES por meio da Educação Física Curricular ou nas Entidades Acadêmicas Esportivas. A finalidade, aqui, é alcançar o desenvolvimento integral e a formação para a cidadania e o lazer.

Como a LUVE desempenha o papel de rendimento, é neste ramo do esporte universitário o foco ao longo do trabalho, porém é válido ressaltar que a Associação também organizou torneios e disputas que não necessariamente visavam o alto rendimento, mas também integravam os praticantes, como no esporte de participação, por exemplo.

Este trabalho busca, então, contar a história da LUVE por meio de um livro-reportagem, onde serão relatados os acontecimentos da Liga ao longo destes 56 anos. Este meio de contar a história foi escolhido porque em um livro-

reportagem é possível reunir todas as informações e histórias, ao mesmo tempo em que ocorre a abordagem do lado sentimental dos envolvidos, suas lembranças, e se dá a devida profundidade ao tema.

Em uma definição quase acadêmica, é possível dizer que livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. (...) É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e represente, também, a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa. (BELO, 2006, p. 41)

A riqueza nas possibilidades citadas pelo autor é menor do que em um documentário audiovisual, porém, devido à impossibilidade financeira e indisponibilidade de, presencialmente, entrevistar todas as fontes, além de preferência pessoal pelo meio impresso, foi escolhido o livro-reportagem como meio para contar a história da LUVE.

A relevância deste trabalho para o meio jornalístico se dá a partir do momento em que é contada, via livro-reportagem – formato em que jornalismo e literatura se entrelaçam – uma história relevante à sociedade, ou seja, de um órgão esportivo que está atrelado à UFV desde 1962 e que colaborou com a vida pessoal e acadêmica de centenas de estudantes que passaram por ela. Seu legado e seus feitos devem ser preservados e contados para que se compreenda melhor o esporte universitário e, por meio disto, até mesmo o contexto social durante as diferentes épocas em que a LUVE esteve ativa dentro da universidade seja abordado.

1.1. Conceito de Livro-Reportagem

É importante notar que o livro-reportagem possui algumas diferenças em relação aos livros comuns, como Lima (2004) aborda em sua obra, explicando que as três características distintas são quanto ao conteúdo, porque o livro-reportagem corresponde ao real, ao factual, não há espaço para invenções; Quanto ao tratamento, porque ele de fato é eminentemente jornalístico, mantendo assim algumas de suas características como precisão, exatidão, clareza e concisão;

Quanto à função, pois o livro-reportagem serve a distintas finalidades típicas do jornalismo, como informar, orientar e explicar.

O mesmo autor também define o que, para ele, é um livro-reportagem: “veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (LIMA, 2004, p. 26). Este clássico livro de Edvaldo Pereira Lima, de onde veio a citação acima, chama-se *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. No próprio título evidencia-se o grande ponto chave do livro-reportagem, que é a possibilidade de unir jornalismo e literatura em uma só obra, que convergem, divergem e, por vezes, se misturam, mas que se mantêm únicos e com características distintas.

A união da literatura com o jornalismo gera o jornalismo literário, onde elementos de ambos se mesclam e é possível “potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos”. (PENA, 2006, p. 6). Este conceito, que o autor chama de estrela de sete pontas, estimula uma série de características intrínsecas e fundamentais à prática jornalística, e como estudante de jornalismo este fator é diferencial na hora de realizar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) graças à experiência e o aprendizado gerados.

Potencialização dos recursos jornalísticos é algo importante, ainda mais no momento em que o Jornalismo Diário⁴ toma conta da esmagadora maioria dos meios de comunicação e o jornalista sofre pressões cada vez maiores para entregar a matéria o mais rápido possível, produzir em maior quantidade e ter o retorno financeiro necessário para que a empresa permaneça em atividade. Ultrapassar os acontecimentos cotidianos significa não se prender ao fato que ocorreu hoje, neste momento, o novo, mas ter a possibilidade de se aprofundar em algum fato relevante que tenha ocorrido, independente da data, e que possa, ainda, gerar

⁴ Entende-se aqui como Jornalismo Diário aquele que é praticado nos grandes meios de comunicação de rádio, televisão, jornal e *web*, onde se prioriza o furo de notícia, a velocidade, tanto de apuração quanto de publicação, em detrimento do aprofundamento da matéria, da apuração completa e da contextualização geral dos fatos.

reverberações interessantes, o que por si só já gera uma visão amplificada da realidade, pois é possível buscar os diversos envolvidos, cada um com seu ponto de vista sobre um mesmo fato, exercendo, assim, seu papel de cidadania.

O rompimento das barreiras do lide (em inglês, *lead*) é mais um benefício, porque não se fica preso às seis perguntas - o quê, quem, quando, onde, como e por que – que pelo próprio nome é o primeiro de uma notícia, e esta lógica pode ser tranquilamente invertida e até mesmo ignorada quando se trata de um livro-reportagem. Evitando os definidores primários abre-se um leque de novas possibilidades, de fontes que muitas vezes são preteridas por causa destas “autoridades no assunto”. E, por fim, o que motiva este trabalho, é a garantia de perenidade e profundidade nos relatos, algo que é praticamente impossível conseguir em outras áreas e que no jornalismo literário é quase que uma obrigação para quem deseja fazer um bom trabalho.

Mesmo o jornalismo literário sendo um campo onde literatura e jornalismo transitam e até se misturam, é importante ressaltar que existem diferenças entre ambos que não podem ser ignoradas:

De fato, jornalismo não é literatura e deve ater-se aos fatos. A ideia mais adequada, quando se fala em jornalismo literário, é a adoção de um estilo literário, e não ficcional, na escrita. O ponto de partida sempre é a realidade – ou a noção que se tem de realidade. A ficção pode funcionar como mote da literatura, mas não do jornalismo. (...) O chamado jornalismo literário, no entanto, precisa se ater ao que de fato ocorreu porque se trata de jornalismo, e não de ficção. É preciso cuidar também dos riscos: pieguice, exagero, descolamento do real e sobreposição da opinião ao relato dos fatos. (NECCHI, 2009, p. 108).

Uma última frase que chamou muito atenção e que foi exatamente um dos maiores motivos para que fosse contada a história da LUVE durante o tempo de reflexão a respeito do TCC foi porque o objetivo era produzir um trabalho que tivesse alguma relevância futura, e sempre que se conta uma história, ainda mais uma tão rica e tão pouco divulgada como a da Liga, aquilo fica como documento para o amanhã. “No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira.” (PENA, 2006, p. 6).

2. METODOLOGIA

Para entrevistar os envolvidos com a LUVE, primeiramente foi feita uma longa pesquisa histórica a fim de se identificar todos os presidentes da Associação, pois era intenção conversar com todos, mas alguns percalços como a falta de informação e o falecimento de dois deles impediram a conclusão desta ação em sua totalidade. Porém, a partir das entrevistas com os que foram encontrados, utilizando uma estrutura que Duarte (2009) define metodologicamente como semiaberta com abordagem em profundidade, os próprios acabavam citando fontes que seriam importante procurar, e com isso o trabalho foi se construindo e se completando sem esta especificação de cargo ou função na LUVE para ser entrevistado, e sim de acordo com a relevância e nível de contribuição para o trabalho.

A utilização deste método ocorre porque a entrevista semiaberta permite explorar assuntos e detalhes que surgem ao longo da conversa, com o roteiro base sendo utilizado para ser um norte, uma espécie de guia, ou seja, ele apenas orienta e não “prende” a entrevista dentro das perguntas já pré-estabelecidas. Por vezes foi necessário deixar este “guia” de lado para compreender um fato novo que não seria perguntado inicialmente, para, posteriormente, retomar o roteiro base. E, além de semiaberta, é em profundidade porque “explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas.” (DUARTE, 2009, p. 62).

Foi exatamente este ajuste livre que ocorreu ao longo das entrevistas, onde foi necessário incluir algumas perguntas de acordo com o contexto, com o dito pelo entrevistado e época vivida, assim como houve a retirada de algumas. Um exemplo foi a pergunta em relação à ditadura militar, ela só faria sentido caso questionada para os envolvidos na LUVE entre 1964 e 1985, pois foi o tempo de duração do governo militar.

No mais, perguntas básicas como ano de entrada na UFV e em qual curso o estudante ingressou, como conheceu a LUVE e como surgiu o interesse em participar da associação se misturaram com questões um pouco mais complexas, como relação com a Federação Universitária Mineira de Esportes (FUME), quais eram todas as modalidades que treinavam enquanto a pessoa fez parte da Liga e quais torneios eram disputados na época, o que exigem minimamente uma reflexão maior por se tratar de eventos mais específicos que, em alguns casos, ocorreram há mais de 50 anos atrás.

Para as entrevistas foi utilizada a técnica de história oral, que “é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com atores e testemunhas do passado”. (ALBERTI, 2000, p. 1). Tal método foi utilizado porque a intenção do trabalho é contar a história da LUVE por meio do que os personagens se recordam, isto porque a Associação possui um caráter sentimental muito forte, inclusive um capítulo do livro foi reservado apenas para contar da relação entre este órgão e as pessoas que passaram por ela. Além do mais, diversos documentos se perderam ao longo dos anos, tornando inviável toda a reconstituição histórica utilizando este meio. “O uso da história oral, portanto deveria ser aplicado onde os documentos convencionais não atuam, revelando segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada prezados pelos documentos formalizados”. (MEIHY, 2006, p. 197).

Quando a análise histórica teve uma mudança com o passar dos anos, novamente aproximou-se daquilo que se pretende abordar neste trabalho, que são as experiências:

A partir da virada das décadas de 1970-1980, apresentou-se um novo quadro na pesquisa histórica: temas contemporâneos foram incorporados à história (não mais reservada apenas ao estudo de períodos mais remotos); valorizou-se a análise qualitativa; experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado (às vezes mais significativas do que as grandes estruturas como os modos de produção) (...) e revalorizou-se o papel do sujeito na história – portanto, da biografia. O relato pessoal (e a entrevista de história oral é basicamente um relato pessoal) transmite uma experiência coletiva, uma visão de mundo. (ALBERTI, 2000, p. 1 e 2).

Sendo assim, quando a experiência individual passou a ser relevante para compreender o passado, esta metodologia de pesquisa se consolidou (ALBERTI, 2000). Pelo livro-reportagem em questão ser um TCC de Comunicação Social-Jornalismo, a história oral se encaixa porque é “um instrumento aplicável seja à antropologia, história, psicologia, sociologia, geografia humana, jornalismo”. (MEIHY, 2006, p. 193).

Entende-se, então, que na história oral “o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes”. (FERREIRA, AMADO, 2015, p. 15).

Um dos pontos abordados nas entrevistas foi em relação ao papel da mulher no esporte universitário. Primeiro porque o esporte é um meio machista⁵, e “quando uma mulher entra em um espaço visto como masculino, ela causa uma ruptura nas estruturas machistas” (GENEROSO, 2016, p. 9), segundo porque ao longo destes anos em que a LUVE esteve ativa na UFV muito mudou quanto à participação delas, inclusive no início da Associação, quando praticamente não treinavam e nem disputavam as modalidades, algo que foi evoluindo com o passar do tempo. Este fenômeno local foi apenas reflexo de uma realidade geral. “O esporte (...) mostrou que as mulheres sofreram limitações em seu direito à prática esportiva. Na atualidade, o mundo esportivo tem, em parte, incorporado a luta das mulheres para se apropriarem de espaços existentes e/ ou para criar novos”. (HILLEBRAND, GROSSI ; MORAES, 2008, p. 426).

Estas limitações existiam “mesmo antes do sistema global de comunicações, dentro do esporte já se faziam configurações que opunham o masculino e o feminino, uma vez que as normas aí impostas frequentemente alijavam ou restringiam a participação das mulheres, de acordo com as representações sociais”. (KNIJNIK, SOUZA, 2004, p. 194).

O carro-chefe deste distanciamento da mulher no esporte pode ser considerado o futebol, paixão nacional, que “mais do que qualquer greve geral pára o país, está absolutamente imbricado no seio das diversas culturas nacionais,

⁵ C.f.: <https://emails.estadao.com.br/blogs/nana-soares/no-esporte-o-machismo-e-campeao/>

é parte integrante e simbólica de manifestações culturais de norte a sul do Brasil”. (KNIJNIK 2006, p. 7). O esporte mais visto pelos brasileiros é notoriamente para homens, como o próprio autor destaca:

nesta terra futebol é coisa de homem. Não tem conversa. Quando a mulher sabe o que é a lei do impedimento, palmas para ela! Nas discussões dos bares, nas escolhas dos times, na pelada do sábado antes da feijoada... Depois disso, a ida ao estádio (quem vai cuidar das crianças?), as mesas redondas na TV de domingo à noite (motivo, penso eu, de várias desavenças e brigas entre casais...), a escolha do time dos filhos... Em todos estes ambientes, a predominância é totalmente masculina. (KNIJNIK 2006, p. 7).

Observar este avanço, de praticamente nenhum envolvimento esportivo, ao posto de presidência da LUVE, passando por um momento onde, de acordo com o presidente da época (Kellyson Salgado, em 2006), as equipes femininas eram superiores em termos técnicos e de resultados do que os homens relata o crescimento do alcance do esporte da universidade via LUVE, principalmente ao atingir as mulheres de forma equânime.

Algo interessante notado ao longo das entrevistas tem a ver com a relevância na vida acadêmica e/ou profissional que a LUVE teve para todos os envolvidos neste trabalho. Nenhuma das pessoas procuradas, tendo participado (por meio de entrevista concedida ou alguma informação) ou não do livro, esqueceu da Associação ou não soube o que falar por não ter memórias suficientes. Pelo contrário, algumas pessoas assumem ter se dedicado mais à Liga do que ao próprio curso, por exemplo, enquanto outras dizem quererem voltar no tempo para viver aqueles momentos novamente. Isto comprovou que de fato as metodologias de história oral, aliada à entrevista semiaberta em profundidade em um livro-reportagem foram ideais, pois todos estes elementos supracitados têm em comum o fato de valorizarem o sentimento por meio da lembrança dos fatos vivenciados.

O carinho com a instituição é grande, citado pela maioria dos entrevistados, mas deve-se lembrar que o próprio esporte proporciona momentos marcantes, não somente por possíveis conquistas, pela qualidade de vida proporcionada ou pela competição, mas por ser “um meio importante de socialização por conseguir atingir valores como coletivismo, amizade e

solidariedade” (VIANNA, LOVISOLO, 2011, p. 294). Os amigos construídos dentro da LUVE foram identificados como uma das principais lembranças de carinho por parte dos entrevistados. As pessoas que eles conheceram por meio do esporte, a maioria devido à Liga, foram marcantes, e alguns se reencontram até hoje.

3. RELATÓRIO TÉCNICO

3.1. Pré-produção

Nesta etapa foi definido, primeiramente, o formato: livro-reportagem. Posteriormente, houve a reflexão a respeito dos entrevistados, escolhendo, primeiramente, procurar todos os ex-presidentes da LUVE, se tornando presença obrigatória no livro, exceto em caso de morte e/ou impossibilidade de contato. Foi criado um roteiro base para servir de guia durante as entrevistas, semiabertas com abordagem em profundidade.

Para concluir esta etapa, foram feitos os primeiros contatos e a busca pelas fontes, por meio das redes sociais, colegas e pesquisa, foi iniciada.

3.2. Produção

Para entrevistar todos os envolvidos, depois de conseguir o primeiro contato e conversar brevemente sobre a finalidade do trabalho, foram utilizados dois métodos: entrevistas presenciais e por telefone, com exceção de três pessoas que só conseguiram responder por *e-mail*. Os dois meios predominantes foram escolhidos por serem os mais dinâmicos, permitindo alguma intervenção, mudança no direcionamento ou acréscimo no roteiro de perguntas assim que uma fala, frase ou, no caso das entrevistas em que houve o encontro com a fonte, uma expressão corporal, indicasse algum sentimento que fosse relevante, seja ele positivo, como um sorriso, ou negativo, como um nítido desconforto com o tema.

Outro motivo para preferir conversas pessoais ou por telefone foi a particularidade de algumas das fontes em possuírem dificuldade de utilizar os meios eletrônicos como *e-mail* ou *whatsapp* devido à idade avançada, ou a não utilização destes meios de comunicação em questão, o que dificultaria bastante caso a escolha fosse conversar com eles pela *internet*.

A preferência, sem dúvidas, seria encontrar pessoalmente todos os 44 entrevistados, mas além da indisponibilidade de tempo, era totalmente inviável viajar até os locais que eles estavam no momento do contato, pois diversas pessoas atualmente estão em outras cidades. Algumas relativamente próximas, como Ponte Nova e Cataguases, em Minas Gerais, mas outros distantes, como Belém-PA, Itabuna-BA, Vitória e Vila Velha, ambas cidades do Espírito Santo, e Distrito Federal. Porém, todos os que estavam na cidade de Viçosa foram entrevistados pessoalmente.

As entrevistas variaram quanto a sua duração, mas nenhuma teve menos de 20 minutos. A maior entrevista durou uma hora e 55 minutos, mas dentro destes dois extremos, pode-se encontrar uma média de 40 minutos por entrevista, que foram gravadas com gravador de voz *Olympus VN-8100PC*, sejam as presenciais ou as via telefone, disponibilizado sempre pelo Departamento de Comunicação Social (DCM). Após as entrevistas, os arquivos eram armazenados em *notebook* particular e posteriormente era feita a decupagem dos áudios. Foram cerca de 27 horas de áudio.

Após transcrever todos os áudios, era o momento de organizar tudo e começar a escrever o livro, que foi dividido em 16 capítulos. O último capítulo, onde é abordado o sentimento em relação a LUVE, foi para concluir o trabalho que, primeiramente, foi motivado pelo mesmos sentimentos que os entrevistados admitiram ter.

Durante todo este processo um companheiro quase que semanal foi o Arquivo Central e Histórico da UFV (ACH-UFV). Lá foram encontradas fotos, documentos, matérias de jornais e informações valiosíssimas, sem elas não teria sido possível concluir o TCC. Para encontrar o necessário, todas as edições do *Jornal da UFV*, que passou por várias mudanças de nome – *Informativo UREMG*, *Informativo UFV*, *UFV Informa* e *Jornal da UFV* – foram lidos.

Apesar da LUVE ser criada apenas em 1962, a pesquisa se iniciou a partir de 1960 para poder escrever o primeiro capítulo, que tratou sobre o contexto esportivo da UREMG antes da criação da Liga. Também foram consultados alguns jornais paralelos, feitos por estudantes, como *O Bandeirão* e *A Gazeta Universitária*, além do *Jornal Folha da Mata*, de circulação na cidade de Viçosa e região.

Na parte de fotos uma serie de arquivos foram encontrados, alguns organizados em pastas e separados por datas, outros não. Todos estavam no ACH-UFV. Foram enviados, via *e-mail* e correios, imagens do acervo pessoal dos entrevistados, utilizados para ilustrar algumas das páginas do livro.

3.3. Pós-produção

Depois da escrita, houve a diagramação do livro-reportagem no Adobe InDesign CC 2014 e revisão ortográfica do trabalho. A escolha da impressão para entrega à banca foi com a capa com papel sulfite A4 180 gramas, encadernado, com impressão em papel sulfite A4 75g colorida.

É preciso destacar que sem a ajuda dos próprios entrevistados, que ajudaram conseguindo diversos contatos de fontes e dando dicas de pessoas importantes para auxiliar no TCC, o resultado final teria ficado muito menos completo. Porém, com um pouco mais de tempo e documentos mais bem conservados, as informações seriam ainda mais completas e detalhadas, enriquecendo o trabalho e o resultado final.

3.4. Cronograma e orçamento

| Atividade | Julho | Agosto | Setembro | Outubro | Novembro | Dezembro |
|----------------------------------|-------|--------|----------|---------|----------|----------|
| Reuniões com orientador | | X | X | X | X | |
| Seleção de fontes | X | X | X | | | |
| Busca pelas fontes e entrevistas | | X | X | X | X | |
| Decupagem | | X | X | X | X | |
| Pesquisa bibliográfica | | X | X | X | | |
| Produção dos textos do livro | | | | X | X | |
| Diagramação | | | | | X | |
| Revisão | | | | | X | |
| Elaboração do memorial | | | | X | X | |
| Defesa do TCC | | | | | | X |

| Descrição | Valor |
|--------------------------------------|------------------|
| Impressão/digitalização de materiais | R\$10,00 |
| Impressões do livro para a banca | R\$73,00 |
| Impressões do memorial | R\$25,00 |
| TOTAL | R\$108,00 |

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos meses de construção do livro-reportagem, uma série de dificuldades foram enfrentadas. A principal foi em relação às fontes. Primeiramente porque algumas foram simplesmente impossíveis de se localizar. A ausência de documentos e informações em todos os meios existentes na época – jornais, atas, notícias, informações, atos administrativos, etc – dificultou a execução do trabalho. E quando localizava outra fonte, como um atleta, secretário ou até mesmo vice-presidente da LUVE, eles não se recordavam quem era o presidente durante sua época na Liga.

Isso fez com que o primeiro objetivo traçado para o livro, ainda na pré-produção, de entrevistar todos os ex-presidentes, não fosse cumprido por completo. Além disso, dois deles já faleceram. Mas, isso não impediu que exatamente 31 ex-presidentes fossem encontrados e entrevistados, contextualizando suas respectivas gestões, indicando fatos marcantes e, em alguns casos, até fontes importantes que até então não eram de meu conhecimento.

Outra dificuldade foi que, ao encontrar algumas destas fontes, o contato era muito difícil, seja pela distância, dificuldade com redes sociais ou ocupações profissionais. Com isso, nem todas as entrevistas tiveram a profundidade e o tempo necessários, mas foi possível colher importantes informações em todas, seja com ex-presidentes, seja com atletas, diretores e/ou membros da administração da UFV.

Um problema encontrado foi a falta de material contando sobre o esporte da universidade. Além de diversos jornais e documentos que se perderam com o tempo, muitas edições simplesmente não relatavam o ocorrido ou anunciavam que determinado evento iria ocorrer e depois não faziam nenhum tipo de cobertura, ignorando o que havia sido exposto no próprio jornal em edições anteriores.

Mesmo com diversos percalços e dificuldades, realizar este trabalho foi uma das missões mais prazerosas e importantes da minha vida, pessoal e acadêmica. Ao escolher um tema que me identifico tanto, pude conhecer ainda mais sobre um órgão que possuo profundo amor e admiração, pude compreender

mais do contexto esportivo e social das épocas e, principalmente, recolher informações em um mesmo livro que estavam perdidas ou separadas na mente e histórias individuais. Compilar e conseguir contar, mesmo que com algumas informações ausentes, os 56 anos da LUVE, é um pequeno legado que posso deixar para uma instituição que tanto me deu.

Infelizmente, por falta de tempo e de condições, não foi possível visitar todas as fontes, passar um dia ou várias horas conversando, fazendo o lento processo de recordar histórias que, por vezes, aconteceram há mais de 50 anos, mas acredito que o sentimento que eles ainda carregam pela LUVE depois de tanto tempo foi a principal aliada, porque as portas sempre estiveram abertas assim que eu explicava o tema do meu livro-reportagem. E, mais do que isso, alguns se dispunham a realmente ajudar, enviar materiais, revirar seus arquivos pessoais em busca de alguma informação relevante, digitalizar fotos, se propor a vir à Viçosa conversar pessoalmente e, em alguns casos, até mesmo me presentear devido ao conteúdo do meu trabalho. Este sentimento de amor à LUVE, que carrego comigo e que tantos também possuem, foi a maior força para prosseguir e o que me deu certeza de que eu escolhi bem meu TCC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. 2000
- BELO, Eduardo. **Livro reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge. (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 62-83.
- FERREIRA, De Moraes Ferreira, AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Editora FGV, 2015.
- FIGUEIREDO, Erika Suruagy Assis de; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. **Esporte no Brasil: a disputa dos rumos da política nas conferências nacionais em um período de transição**. *Motrivivência*, n. 40, p. 121-152, 2013.
- GENEROSO, Natane Heloisa Pereira. **Mulheres, mídia, educação e futebol: a (des) construção do esporte no Brasil**. 2016.
- GONÇALVES, Victor Lana, M. **Uma avaliação do Programa Segundo Tempo Universitário na Universidade Federal de Viçosa**, 2017
- HATZIDAKIS, Georgios, Esporte Universitário. In: DA COSTA, Lamartine Pereira. **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Shape Editora e Promoções Ltda., 2005.
- HILLEBRAND, Marinez Domeneghini; GROSSI, Patrícia Krieger; MORAES, João Feliz. **Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário**. *Psico*, v. 39, n. 4, p. 425-430, 2008.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. **Diferentes e desiguais: Relações de gênero na mídia esportiva brasileira**; In: Antonio Carlos Simões, Jorge Dorfman Knijnik (orgs). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo, Aleph, 2004 (p. 191-212)
- KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Femininos e Masculinos no futebol brasileiro**. 2006, 475 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2004.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro**. *Revista de história*, n. 155, p. 191-203, 2006.
- NECCHI, Vitor. **A (im) pertinência da denominação “jornalismo literário”**. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 6, n. 1, p. 99-109, 2009.
- PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2006.
- STAREPRAVO, Fernando Augusto et al. **Esporte universitário brasileiro: uma leitura a partir de suas relações com o Estado**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 31, n. 3, p. 131-148, 2010.

VIANNA, José Antonio; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. 2, p. 285-296, 2011.

ANEXO: Lista de fontes

| Nome completo | Função na LUVE |
|-------------------------------------|-------------------------------|
| Adaílson Abranches Monteiro | Atleta e Vice-Presidente |
| Adalberto Rigueira Viana | Técnico |
| Affonso Damásio Soares | Fundador |
| Alexandre Francisco Alves | Técnico e Presidente |
| Carlos Cardoso Machado | Atleta |
| Cláudio Santos Reche | Técnico e Presidente |
| Cristiano Machado Neto | Fundador |
| Denélisio Nobre Leite | Atleta e Presidente |
| Deraldo Cunha Barreto Filho | Atleta e Presidente |
| Everton de Castro Vitorino | Técnico e Presidente |
| Flávio Roberto Gomes | Vice-Presidente |
| Francisco Alfredo Lobo Junger | Atleta, Fundador e Presidente |
| Gabriela Maia Tonázio | Presidente |
| Gladystone P. Alves de Souza Isabel | Atleta e Presidente |
| Heleno do Nascimento Santos | Atleta e Presidente |
| Helvécio Mattana Saturnino | Atleta, Fundador e Presidente |
| Hudson Rodrigues de Jesus | Atleta e Presidente |
| Iara Marina dos Anjos Bonifácio | Atleta e Presidente |
| Jadílson Corrêa Neves | Atleta e Presidente |
| Jaime Tolentino Miranda Neto | Atleta e Presidente |
| João Câncio de Andrade Araújo | Vice-Presidente |
| José Alberto de Ávila Pires | Atleta e Presidente |
| José Alberto Pinto | Atleta e Técnico |

| | |
|---------------------------------|--------------------------------------|
| José Muanis Bhering Nasser | Atleta e Conselheiro |
| Júlio César Resende | Técnico e Presidente |
| Júlio Silva de Oliveira | Atleta e Presidente |
| Kellyson Salgado Gomes | Presidente |
| Magno Yamaguchi Massao | Atleta e Presidente |
| Marcos Paulo de Freitas Silvino | Atleta, Técnico e Presidente |
| Maurício Fagundes da Conceição | Presidente |
| Orlando Campelo Ribeiro | Atleta e Presidente |
| Peter Felipe dos Santos | Atleta e Presidente |
| Paulo Henrique Rosado | Atleta, Técnico e Diretor |
| Próspero Brum Paoli | Atleta e Técnico |
| Reginaldo Amaral | Atleta e Presidente |
| Renato Ladeira Costa | Presidente |
| Roberta Lauton Ruas | Atleta e Presidente |
| Rodrigo Pereira Costa | Presidente |
| Ronaldo Pedrosa Gomes | Presidente |
| Sílvio Antônio Soares | Atleta |
| Thainá dos Reis Maia | Atleta e Presidente |
| Victor Lana Gonçalves | Atleta, Técnico e Presidente |
| Viviani Silva Lírio | Pró-Reitora de Assuntos Comunitários |
| Wanir Lacerda Werneck Júnior | Presidente |